

Cultura Portuguesa sob o viés lourenceano: fios que se tecem

Helenice Joviano Roque-Faria
UA-Universidade de Aveiro/ Portugal
UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus de Sinop/MT

RESUMO: Pretende-se com este trabalho adentrar, de maneira sucinta, nas relações culturais entre Brasil e Portugal em busca de evidenciar a (re)significação de um povo colonizado, tendo como dispositivo o ensaísmo de Eduardo Lourenço, autor português e um dos maiores pensadores da Cultura, especialmente aqui, a obra “ A morte de Colombo – Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito”.

Palavras-chave: Portugal , Brasil, Identidade e Cultura

Introdução

sem transcendência o homem é um ser que vive à toa. « l’homme passe l’homme».
«L’ homme passe l’homme» quer dizer « l’homme dépasse l’homme», o homem
vai além do homem.

(Saraiva, 1993)

Reflectir os problemas que surgem e desafiam a Cultura Portuguesa e Europeia não é tarefa fácil para os dias atuais e é, sem dúvida, um exercício que requer uma leitura atenta, minuciosa, quando se empreende os caminhos da construção de uma identidade nacional, bem como suas conquistas e reflexos. Isso, sem a mínima pretensão de arriscar e elaborar respostas, mas apenas averiguar certas questões que nos são oportunas para este momento.

De complexidade, sobremodo elevada, esse assunto é de uma plasticidade e ambiguidade sem saída, um nó que se firma com o tempo e que traz como pano de fundo o “Ocidente a ocidente do Ocidente”.

Sendo assim, tentaremos abordar alguns desses problemas, centrando-nos nas relações entre Brasil e Portugal, especialmente, à procura de evidenciar a (re)significação de uma nação que sempre se considerou descoberta, mesmo quando se sabe que suas origens encontram-se em uma

Cultura Ibérica, o que é um facto dominante e rico em consequências, pois, a proposta do afastamento é exatamente o que nos torna próximos de nossos pais.

Assim, elegemos para esta análise a obra ensaística de Eduardo Lourenço, “A Morte de Colombo - Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito”, por considerar que este é um projeto histórico e que consta de mecanismos e dispositivos para as nossas reflexões.

Ancoramo-nos em Eduardo Lourenço, por considerar que é um dos maiores filósofos da Cultura Portuguesa e seu pensamento elabora *um olhar sobre a realidade que não abandona nunca o domínio filosófico e uma busca pelo(s) sentido(s)*, conforme ressalta Maria Manuel Baptista (2003).

Observamos que desde o prefácio de *A Morte de Colombo - Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito* até ao esclarecimento que faz à pesquisadora brasileira, Camila do Valle Fernandes – Puc/RJ, encaminhou-nos Lourenço a reflexões de enorme inquietude cultural: *vós sois os filhos que mesmo baptizados mataram os pais em resposta a um desejo de criar o “Novo Mundo”*.

Estaria mesmo o país colonizado desejoso de matar o pai num ato de expurgação e purificação? Não seria necessário para uma nação que se posiciona para o desenvolvimento romper os laços e abrir espaço para a formação de um Novo Mundo?

Talvez, seja o esse sentimento lírico poético que nos faz optar e querer compreender nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, a partir de uma visão mais abrangente do que nos constitui, isto é, além do que aprendemos nos registros históricos, numa perspectiva simbólica e mítica, sem a garantia de que estamos pisando em um terreno firme.

O ENSAIO – LUGAR DE PRÁTICA E DESENVOLVIMENTO DA CULTURA DA AUTO-REFLEXÃO.

É Michel Montaigne, o francês que em 1580 publicou um livro intitulado “Ensaaios”, afirmando não passar de uma simples tentativa literária, inaugurando assim, uma rica tradição escrita e a eleição de um gênero textual.

O “novo” gênero ensaístico apresenta-se como uma reunião de composições, de assuntos diversos, recheados de falas formais ou informais, no qual o leitor tem a possibilidade de divagar pelas vias labirínticas da floresta do conhecimento do Outro ou de si próprio, um exercício reflexivo que permeia o mundo filosófico-literário na Cultura Portuguesa do século XX.

Desde o século XVI, essa era uma prática comum em que muitos autores visualizavam suas “idéias” em forma de “miscelânea”, mas só Montaigne traz a público a afirmação do tema. Francis Bacon editou em 1597 um volume de seus “Ensaaios” e, a partir daí, outras publicações surgiram em inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e português.

Independentemente da terminologia, isto é seja *Saggio, Ensayo, Versuch e Beitrag* ou *Essay*, o certo é que a “moda” ensaística encontrou seu lugar provavelmente no século XIX ou início do século XX e desenvolve-se nos dias atuais como uma prática comum. Reconhecemos também que foram intelectuais, como Stuart Mill, Hippolyte Taine, William James, Sigmund Freud, Pío Baroja, que deixaram contribuições valiosas desse estilo literário. Uma espécie de voz alta, que encaminha o leitor para o processo de repensar as conjecturas do mundo a que está submetido, encaminhando-o a um trabalho hermenêutico e de arqueológico quando

obriga a pensar a coisa, desde o primeiro passo, com a complexidade que lhe é própria, tornando-se um corretivo daquele primitivo obtuso, que sempre acompanha a *ratio* corrente. (...) então o ensaio abala a ilusão desse mundo simples, lógico até em seus fundamentos, uma ilusão que se presta comodamente à defesa do *status quo*. (Adorno, 2003, p.33)

Apossando-nos do termo Lacaniano, poderíamos aferir a idéia de um texto/espelho, reflexo de imagem fragmentada, descentrada, que possibilita reflexões da(s) imagem(s) que representam ou são representadas no leitor. Um lugar onde deve-se desconfiar de afirmações grandiosas ou que parecem ser objetivas, usar a máscara da parcialidade ou imparcialidade para conhecer um pouco da história.

Nos termos de Adorno,

o ensaio exige , ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual. Nessa experiência, os conceitos não formam um continuum de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete. (2003, p.30)

Herdeiro de Montaigne, encontrou também Lourenço o caminho labiríntico do ensaio para nos levar a (re)pensar o percurso traumático e dramático que vive o homem no fim da modernidade e o desespero do homem da pós-modernidade. Para Baptista,

o seu ensaísmo reflectirá, precisamente, algumas das tendências mais constantes da produção teórica em Portugal: ausência de sistema, recusa de um pensar puramente apolíneo, dispersão temática (embora não dispense a temática da portugalidade), gosto por uma escrita barroco-romântica, agudo sentimento lírico poético da realidade. (2003,p.27)

Heterodoxo e sobretudo, um filósofo da cultura, possui E. Lourenço um olhar sobre a realidade portuguesa em um domínio totalmente filosófico e contém em seus escritos o percurso hermenêutico numa busca incessante de sentidos vários em um verdadeiro “desconfiar de si próprio”, pois ao se referir às questões portuguesas não se deixa de considerar inserido nela.

“Dono” de uma linguagem que evoca sentidos vários, operante em metáforas ou com os recursos mítico-simbólicos, exige do leitor o deslocamento de uma leitura monossêmica para o campo polissêmico embrenhando-o à compreensão de um trabalho filosófico a que se propõe.

Recupera este devir em seus ensaios críticos, incidindo sobre o objeto exterior uma metalinguagem que forja para exprimir o seu próprio pensamento num olhar atento à realidade portuguesa em seu aspecto cultural, tecendo assim teias do destino português. E na desenvoltura desse tecer, centra-se em um trabalho de reinterpretção, numa busca desenfreada por conhecer o ser e destino de Portugal, proporcionando um movimento, que deve ser entendido como disperso, descentrado, estritamente, um trabalho de caráter crítico da cultura

O autor aponta para a necessidade de um rompimento com a superficialidade e considera que em lugar da autognose, deve entender o seu objeto de pesquisa numa perspectiva do coletivo, mesmo quando, muitas vezes, o encontramos individualizado.

Reinterpretar a estrutura e constituição do comportamento do povo português, nada mais é que despir um corpo de todos os seus aparatos e deixá-lo exposto para um exame profundo, isto é, colocá-lo frente a frente, sem maquiagem, ou sem máscara, o verdadeiro ser que se esconde nas entrelinhas da vida. Este é um empreendimento auspicioso que exige uma refiguração do pensamento social proposto em Geertz em sua concepção de cultura não codificável mas interpenetrável, elaborando assim o que denominou de “ciência interpretativa” em busca dos significados para os sujeitos da acção. Por isso, a cultura é vista como um sistema simbólico, oriundo da concepção simbólica da linguagem, por considerar que a presença do sujeito da linguagem no mundo não é imediata mas mediatizada pela linguagem.

2. O NOVO MUNDO E A CONSTITUIÇÃO DO OUTRO

Os homens nunca reconheceram o acaso como agente da história. Houve sempre nos homens o desejo pelo começo, meio e fim. Logo, o progresso pode ser entendido de várias maneiras e se partimos do pressuposto que o progresso colonial é a libertação do colonizado em relação a sua constituição o sentido passa a ser outro. Não será o princípio de aperfeiçoamento mas de expansão de massas, um dos aspectos que o filósofo hispano Ortega y Gasset tratou como «la rebelión de las massas». (SARAIVA, 2003, p.36.)

Sempre houve no Novo Mundo o desejo da Liberdade e também da conquista. Por outro lado, quando se tem um desejo de liberdade há que romper com dogmas e estigmas para a realização desta conquista. Entretanto, haverá sempre uma disputa pelo que é comum em favor do que é o novo. Isto é, o Novo Mundo, Brasil, deveria vencer o dogma religioso(fundamentado no tratado de Tordesilhas) e o regime escravocrata para se inscrever em uma nova história e convencer que poderia ser um país soberano e capaz de andar por si mesmo.

Uma vez inscrito como Novo Mundo, cuidou o Brasil de afastar-se gradualmente do ex-colonizador, trocando a roupagem Monárquica para os trajes Republicanos, fixando sua casa e fundamentando cada vez mais as características do Novo Mundo.

De certa maneira, ainda encontramos, nos compêndios didáticos, referência ao Descobrimento do Brasil, mas não uma celebração do seu possível descobridor. E muito embora as comemorações da ex-colônia portuguesa não guardem em suas datas cívicas nenhuma alusão ao colonizador, os laços são inegáveis, pois os valores culturais que nos foram legados pelos “fundadores da nação” continuam vivos e presentes no viver brasileiro. Como nos afirma Sérgio Buarque de Holanda,

A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida. No caso do Brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos compatriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especificamente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo que nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma actual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma.(2000, p.23)

É o ajuste que proporcionou a (re)significação cultural brasileira: falamos português mas com as diferenças lingüísticas que nos possibilitam a língua brasileira; cantamos e dançamos com características próprias; herdamos uma culinária portuguesa mas que abrigou-se ao arroz e feijão; aprendemos a religião oficial vigente da época que o tempo cuidou em sincretizar. E o que mais poderíamos citar do “abismo” cultural entre Brasil e Portugal?

Resta-nos lembrar que a não celebração pelo Brasil do seu colonizador não é um ato de hostilidade mas apenas reflexo de um processo de colonização conturbado: não se tinha a ideia de construir uma pátria, mas sim explorar toda a riqueza existente. Isso diferencia o processo de colonização da América em que se objetivava a construção de uma nova Nação.

Para nós, este é um passado que ficara distante não apenas para o Brasil, mas principalmente para a Cultura Portuguesa que não inscreveu Cristóvão Colombo e nem sequer Pedro Álvares Cabral em sua história. Um sentimento produzido, a nosso ver, pelos próprios portugueses e um dispositivo desenvolvido por seus descendentes reforçando, assim, o muro cultural a que estamos submetidos.

Para Lourenço, este é um caso singular:

Tudo se passa como se o Brasil em confronto com a herança europeia, ou da miragem europeia, usufrísse de um estatuto completamente à parte no conjunto da América Latina. Muito cedo começou a existir o dispositivo que devia dar à cultura brasileira a tonalidade única que a iria distinguir no mundo, hoje sobretudo.(...) Não há relações realmente profundas entre o modelo cultural brasileiro e aquele que dá a sua tonalidade às culturas latino-americanas saídas da colonização espanhola. (2005,p.23)

PEQUENAS CONSIDERAÇÕES

“O «Brasil» teve existência antes de ter essência.”

A priori, o testamento só tem validade com a morte do testador. E é a herança que estabelece, não por via de regras, vínculos que ligam para além das diferenças e das distâncias. Mas só nos tornamos herdeiros quando efetivamente reconhecemos a morte do pai. Logo, constituir-nos herdeiros de alguém requer o reconhecimento de que quem nos constituiu já não existe, mas presentifica a dinâmica da vida, e gere a própria dispersão necessária.

Como já afirmamos, múltiplas são as influências portuguesas na cultura brasileira. Os valores que nos foram legados, facilmente incorporados e adaptados, conferiram ao povo um novo estilo de vida, numa dialética de aceitação/ruptura dessa herança.

Significa então dizer que nascemos de uma matriz colonizadora e nos apropriamos dela para a construção de uma outra realidade. Conforme Lourenço,

Não houve no Brasil nenhum motivo para rejeitar ou apropriar a cultura portuguesa para construir depois, uma outra realidade. O que era «português» tornou-se, naturalmente, «brasileiro» e o conjunto dos valores europeus trazidos pelos fundadores do Brasil - o índio foi, desde muito cedo, integrado ou marginalizado - adaptou-se, ao mesmo tempo, às novas vertentes da cultura do Brasil e aos valores africanos. (2005,p.24)

Assim, os laços que Portugal estabelece com o Brasil não são negados na sua totalidade mas reforçados com o tempo, a começar pelo conceito de descoberta“ que não evoca sentidos correspondentes entre colonizado e colonizador.

E por mais que tentemos negar tais laços cairemos em uma cilada da afirmação/negação do que verdadeiramente fomos e somos. Logo, são exatamente estes laços que nos perseguem e que nos aproximam remetendo a necessidade de estabelecer um diálogo constante.

Como dissemos anteriormente, é difícil discutir estas questões, mas é possível pensar que o Brasil tomou novos significados como nação, isto se considerarmos que este novo significado parte do princípio da atribuição de sentidos outros para a constituição e construção de um Novo Mundo. Ainda nos adverte o ensaísta português que

O caso das relações entre Portugal e o Brasil – em todos os domínios – é um caso único nos anais, sempre de estrutura labiríntica e, em última análise, inesgotáveis, daquilo que se entende por *situação colonial*. Em sentido próprio, o “Brasil”, não como realidade inerte(solo, geografia, etc.), mas como aventura humana, histórica, nunca foi *uma colônia*, se se supõe com isso um *colonizador* e um *colonizado*, situação que foi a de Angola, Moçambique, São Tomé etc., ou a do Peru e do México em relação à Espanha.(2001,p.137)

Em uma rápida conclusão é possível verificar que, aquele que parecia estar “deitado eternamente em berço esplêndido” atreveu-se a espiar à janela e observar que “raiou o sol da liberdade em raios fúlgidos”, e em reconhecimento da herança, fez da casa herdada um espaço aberto para a investigação de sua própria constituição e origem. Quem sabe este foi o dispositivo para os equívocos imaginários entre Brasil e Portugal.

Referências Bibliográficas

ADORN. Theodor W., 1903-1969. NOTAS DE Literatura I/ Theodor W. Adorn; tradução e apresentação de Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ANTUNES, Manuel, *Repensar Portugal*. Lisboa: Multinova, 2005.

BAPTISTA, Maria Manuel. *Eduardo Lourenço- A paixão de compreender*. Porto, Asa, 2003.

GIL, José. *Portugal Hoje: o medo de existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Lisboa: Gradiva, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *A Morte de Colombo-Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito*. Lisboa: Gradiva, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARAIVA; Antonio José. *O que é a Cultura*. Lisboa: Gradiva, 2003.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. *História de Portugal. Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.